

# Estudos Italianos em Portugal

Instituto  
Italiano  
de Cultura  
de Lisboa

Nova Série  
Nº 5  
2010

## IN MEMORIAM

### José Vitorino de Pina Martins (1920-2010)

A 28 de Abril de 2010, faleceu o Prof. José Vitorino de Pina Martins. A revista *Estudos Italianos em Portugal* e, para além dela, o universo das relações literárias e culturais luso-italianas perderam um vulto de primeira grandeza. A sua memória é recordada e homenageada através dos cinco testemunhos seguidamente publicados.

No âmbito de uma actividade que se estendeu a largos campos da organização cultural e da crítica, passando também pela produção literária, a atenção dispensada à cultura e à literatura italianas e às suas relações com a cultura e a literatura portuguesas foi uma constante. Terminada a sua licenciatura na Faculdade de Letras de Coimbra, em 1949, parte de imediato para Roma, onde foi leitor de português em “La Sapienza”. “Uma das coisas mais extraordinárias que aconteceram a José Vitorino de Pina Martins” – recorda Eduardo Lourenço, ao mesmo tempo que regista a impressão de que “a Itália o tinha revelado a si mesmo e sobretudo de que o tinha entusiasmado para ser um admirador, quase um companheiro fora do tempo, daquele tempo sem tempo que nós chamamos o Renascimento”.

O gosto pelos autores italianos, em particular pelo que diz respeito à Baixa Idade Média e ao Renascimento, impregna as páginas de *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*. A obra foi editada em 1989, mas já em 1971 saíra o volume *Cultura italiana*. Da perspectiva comparatista adoptada pelo Prof.

Pina Martins, resultou uma revitalização do estudo de autores tão importantes como Sá de Miranda, Camões ou João de Barros, entre tantos outros.

Uma das peças fundamentais do estudo das relações entre Pico della Mirandola e a literatura portuguesa, “Pico della Mirandola e o Humanismo Italiano nas origens do Humanismo Português”, foi dada aos prelos de *Estudos Italianos em Portugal* em 1964, no número 23. Depois de ter acompanhado a revista em momentos de incerteza, integrou o Conselho Científico da sua nova série, cuja edição começou em 2005. Momento simbólico desse labor, foi a apresentação que o Prof. Pina Martins fez do número inicial dessa nova série, no Instituto Italiano de Cultura de Lisboa. Por essa ocasião, proferiu uma conferência sobre Giovanni Pico della Mirandola.

O volteio de cada linha que nos legou, a forma de cada uma das letras gravada nos volumes de Aldo Manuzio alinhados na sua biblioteca refulgem agora sob uma outra Luz. Como escreve Aires A. Nascimento, “Com o poeta, bem podemos dizer de Pina Martins: «Na mão de Deus, na sua mão direita, descansou afinal o seu coração»”.

RITA MARNOTO

## REQUIEM POR J.V. PINA MARTINS!

Razões várias nos podem ter trazido aqui, a esta Basílica do Coração de Jesus da Estrela, a primeira que no mundo existiu com essa invocação. Prestamos a última homenagem a José Vitorino de Pina Martins: comovidamente, religiosamente.

De sentimentos diversos, e talvez opostos, senão contraditórios, nos reconheceremos possuídos: a morte é a fronteira que não conseguimos remover; para os que com ele comungamos a Esperança da Vida que não tem fim, a Cristo vamos buscar a razão dessa Esperança – “eu parto, mas não vos deixo no vazio; vou preparar-vos um lugar; o que vos deixo em testamento é que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei”. Das três virtudes cardeais, Charles Peguy escolheu a da Esperança como a mais difícil e aquela que mais agrada a Deus: porque, mesmo que acreditemos em Deus e ponhamos n’Ele o nosso olhar, precisamos de acreditar radicalmente em nós para nos projectarmos no Futuro e antecipadamente o construirmos.

Pina Martins tinha um espírito voltado para a Esperança porque acreditava em Deus e simultaneamente acreditava no Homem, imagem de Deus, eterno e incarnado, inteligência e coração, palavra e verdade. Repassando o seu *curriculum vitae*, ficou-me, uma vez mais, na retina, o título da sua tese de licenciatura, em 1949: esse título é nada menos que *A miséria e a grandeza do homem em Les Pensées de Pascal*<sup>\*</sup>. Conhecedor da miséria do homem (não apenas intelectualmente, pois viveu quase um século em que sentiu os horrores que o homem infligiu aos seus semelhantes), dedicou-se ao longo de anos

a pesquisar a grandeza desse mesmo homem, que para os antigos gregos era “assombro” (na expressão do coro da *Antígona* de Sófocles), mas para os homens do século XVI, na expressão de Giovanni Pico della Mirandola, era *mirabilis*: certamente porque esses homens do Humanismo estavam convencidos de que a Revelação cristã lhes dava a chave de leitura para entenderem que a obra da Criação era boa e que o Amor de Deus se estendia particularmente ao Homem, sobretudo como efeito da Ressurreição de Cristo, convenceram-se eles de que, apesar das vicissitudes a que está exposto, o Homem é admirável e vale a pena regressar permanentemente à descoberta da aventura que ele faz ao longo da História. Não sem motivo, esse Humanismo recuperou testemunhos do passado e procurou criar instrumentos que os dessem a conhecer e garantissem a sua projecção no futuro.

J. V. Pina Martins apaixonou-se vivamente por esse Homem, aprendendo, com os que como ele tinham uma dimensão universal, a ler o sentido da História, compreendendo com Ireneu de Lião (em recordação frequente de um amigo a quem muito prezava, o cardeal Henry De Lubac) que a “glória de Deus é o Homem em vida plena” – a *doxa* em grego quase não tem tradução possível nas línguas modernas: é a manifestação de esplendor; para a entender, teremos que voltar ao sentido pleno do *Gloria in excelsis Deo*, no hino ao nascimento de Cristo que os Evangelhos atribuem aos Anjos em torno da gruta de Belém; dificuldade temos nós também para entender o ensinamento Paulino de que, no alto da Cruz, o Filho de Deus Crucificado, tem a expressão máxima da sua glória – se não há contradição, há pelo menos paradoxo e ele aproxima dimensões racionalmente irreconciliáveis: a suprema degradação é a suprema revelação da maior exaltação que Deus preparou para Seu Filho, pois na Cruz manifesta e torna efectivo o poder de Ressurreição.

É nesta contradição (insensatez para uns, blasfémia para outros) que nós nos colocamos porque estamos convencidos de que a obra de Deus é boa e não pode ser aniquilada pela loucura de alguns, mas merece ser admirada por todos, habitando-a de forma tão harmónica quanto o reajustamento da nossa inserção nela nos permitir.

J. V. Pina Martins faz parte dessa História humana, que nos Humanistas aprendeu a ler, a criticar, a depurar, a construir. Em Pico della Mirandola começou, mas estendeu o seu olhar por muitos outros: Erasmo foi para ele um Mestre admirável de sabedoria que conciliava a Razão, a Prudência, a Revelação cristã; extasiou-se, porém, com Thomas More, o homem da *Utopia* – um texto que foi escrito em diálogo com Erasmo por aquele que, na expressão deste, foi a figura mais cândida e mais amável de todas quanto brotaram à face da Terra e que, amando os homens e indicando-lhes o sentido da dignidade humana, acabou por sucumbir à loucura do poder que lhe negou o direito de o contestar em nome de valores mais altos.

Tive a graça de partilhar com Pina Martins o trabalho de uma edição desse texto; tive o privilégio de admirar o seu encantamento pelo texto e pela personalidade do seu autor, senti de perto a vibração da sua alma e pude apreciar as suas qualidades – todas de excelência.

É largo o cortejo dos que se inclinam perante a figura de Pina Martins e nele se revêem como fazendo parte da História das suas vidas: sinto à minha volta o peso das instituições que ele serviu e a quem deu o contributo das suas qualidades; sinto também o afecto de todos aqueles que lhe devem muito do que são e quiseram ser – porque, para todos os que dele se abeiravam, ele tinha não apenas palavras de conforto, mas também gestos de estímulo e de partilha. A todos olhava com o olhar d’Aquele que, subindo à Montanha, teve palavras para anunciar as Bem-aventuranças, sem olhar a outra dignidade que a do Homem – reclamando dele, como o oráculo antigo: “conhece-te a ti mesmo”.

Neste momento, tanto mais solene quanto o vemos passar para a outra margem de que todos nos aproximamos, dou graças a Deus Altíssimo por todas as maravilhas que vimos em José Vitorino de Pina Martins; nessa acção de graças, acolho-me à ternura de Primula, sua esposa, que com ele partilhou uma vida longa, em diálogo e em partilha intensa, mesmo nos últimos anos em que as expressões se tornaram menos chamativas – inclino-me respeitosamente perante ela, em quem nunca surpreendi um lamento e vi a serenidade que encanta; nessa veneração, acolho-me também ao afecto de

Eva Maria, sua filha, a quem garantimos a admiração nossa por seu pai e por ela, com sua mãe.

Ambas nos dão o direito de vivermos em júbilo, contido nas lágrimas, este dia que Deus fez, esperançados que todos nos voltaremos a reencontrar, porque, como garantiu Cristo aos discípulos, “Eu vou adiante, a preparar-vos um lugar”. Com o poeta, bem podemos dizer de Pina Martins: “Na mão de Deus, na sua mão direita, descansou afinal o seu coração”! Demos graças a Deus!

Lisboa, Basílica da Estrela, aos 30 de Abril de 2010.

AIRES A. NASCIMENTO

\* Tendo surgido dúvidas quanto ao título e conteúdo da dissertação final de licenciatura de J. V. Pina Martins, pois no *Curriculum Vitae* por ele elaborado figura que se licenciou “em 1949 com uma dissertação sobre *A miséria e a grandeza do homem em «Les Pensées» de Pascal*”, e no registo primitivo da Universidade de Coimbra constava que no acto de conclusão apresentara outra, que tivera como título *A ideia de Deus e da morte na poesia de Antero* (1948), recorremos a sua esposa, Dona Primula Martins, que nos repôs a sucessão dos acontecimentos: o resultado do primeiro acto (1948) não o satisfiz, pelo que realizou uma outra tese, que apresentou no ano seguinte, esta consagrada ao estudo de Pascal, que passou a constar do seu *Curriculum Vitae*.

## OLHARES DE JANO

Modelo de investigador, professor universitário e acadêmico – também, como director de serviços –, era o Professor Pina Martins um humanista e discreto, em si fazendo convergir luzes e nomes cimeiros luso-italos de Trezentos a Seiscentos, com episódicas incursões nos séculos seguintes ou em autores de outras galáxias. Resumi essas paixões no *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* (vol. 5, 2000) e no vol. 3 de *Actualização* (2003) do *Dicionário de Literatura*, dirigido por Jacinto do Prado Coelho, em cujas primeiras edições se entevia compendioso labor sobre a história do livro, tipografia e erasmismo, entre outros assuntos. Vê-lo, em Maio de 1986, na secção de manuscritos da biblioteca da Academia das Ciências da Hungria, acariciando velino do século XIII, era como assistir à Revelação.

Nessa nossa semana de Budapeste, percebi, atrás da imagem severa do bibliófilo e curador irreprensível, a boa disposição de conversador solto sobre amigos e o pai comovido, quando, com a Mulher, visitou a minha filha recém-nascida – *la piccolina*, por quem perguntava regularmente. Porque a sua própria filha Eva Maria dominava as línguas ugro-fínicas, tanto bastou para nos cumpriciarmos (com um primeiro almoço por ele organizado na Fundação) no lançamento do Húngaro na Faculdade de Letras de Lisboa, onde o professor coordenou, antes de se jubilar, a nossa comum disciplina de Cultura Portuguesa.

Ficam mágoas: se o estudioso e Mestre pontificam, já o autor de *Utopia III* (1998), disfarçado em Miguel Mark Hytlodey, requeria



outra atenção. Quanto ao Duarte Montalegre de meia dúzia de títulos, desde a estreia lírica em volume (1941), tão capaz de nos dar cálidos e inesperados versos de amor (recordo a série “Poema do Beijo Compreendido”, em *Altura: Cadernos de Poesia*, n.º 1, Porto, Fevereiro de 1945), seria aconselhável antologiá-lo, conhecendo melhor esse *outro* olhar de um Jano também do nosso tempo... ERNESTO RODRIGUES

## DIÁLOGO INTERROMPIDO. EVOCAÇÃO DO PROFESSOR PINA MARTINS

Ao contrário de tantos dos amigos com quem partilho o profundo sentimento de perda revivido no momento em que escrevo este testemunho, eu não fui aluna do Professor Pina Martins. Nem podia ter sido, dada a quase contemporaneidade da nossa passagem como estudantes pela Universidade de Coimbra. Tivemos, porém, professores comuns, dos quais, mais tarde, viríamos a falar com igual admiração ou com idêntica benévola antipatia.

Foi, de facto, mais tarde que eu conheci o Professor e me foram oferecidas as oportunidades para com ele conviver e aprender tantas coisas que nos anos longínquos da minha licenciatura nem sequer suspeitava vir algum dia a descobrir.

Recordei já, na “Jornada de Homenagem ao Professor Pina Martins” promovida pelo Departamento de Literaturas Românicas, a primeira ocasião de convívio intelectual com o Homenageado, proporcionada pela mostra camoniana de Roma. Conheci então o bibliógrafo moderno que, com erudição e sensibilidade, descrevia as belas edições por ele seleccionadas no acervo da Biblioteca dell’Accademia Nazionale dei Lincei e Corsiniana e, com conhecimento profundo dos textos e dos autores, chamava a atenção para o valor das fontes italianas da poesia de Camões.

A familiaridade com os livros antigos, a competência científica com que Pina Martins escolhia, manuseava e descrevia os esplêndidos exemplares que foram expostos nessa Mostra e sobretudo o enlevo com que deles discorria durante as conversas daqueles fecundos dias

de trabalho no Palazzo de Via della Lungara, revelavam já o *amor librorum* do verdadeiro bibliófilo. Mas, para descobrir a requintada bibliofilia de Pina Martins, era necessário entrar no “santuário” da sua biblioteca, ver nas mãos do possuidor um precioso incunábulo, uma aldina minúscula, um pesado volume in-folio ou, aberta na sua secretária, a reprodução fac-similada de um códice insigne, ouvi-lo dissertar acerca da beleza gráfica e iconográfica de um livro raro, do valor simbólico de uma encadernação sumptuosa, da importância que determinado livro antigo tinha tido para os seus estudos.

Tive, muitas vezes, o privilégio de ser recebida na “Biblioteca de Estudos Humanísticos de Lisboa” (assim a designava, a partir de certa altura, o seu proprietário), mas, para os meus trabalhos, nunca precisei de consultar alguma das preciosidades que me foram apresentadas: modesta medievalista, o meu interesse ia primordialmente para os instrumentos de pesquisa e para os ensinamentos que o Mestre me prodigalizava. É que o bibliógrafo, bibliófilo e bibliólogo Pina Martins era – como a sua bibliografia e o prestígio internacional alcançado o atestam – um sábio em estudos do Humanismo e Renascimento, além de humanista na mais completa acepção da palavra. Ora, nos anos felizes em que, na Biblioteca Apostólica Vaticana, eu pude “conviver” com cancioneiros provençais, franceses e italianos, com miscelâneas em que se acotovelavam apontamentos do mais variado teor, *tavole*, correspondência de humanistas e fragmentos de poesia ou prosa, convivi também, de certo modo, com alguns dos autores presentes na livraria-*scriptorium* de Pina Martins. Desses autores, eu guardava sobretudo a memória da sua presença na biblioteca e nos estudos de um humanista colecionador e infatigável leitor e anotador de códices, a quem a literatura portuguesa deve a preservação da parte mais consistente do seu primeiro capítulo (refiro-me, evidentemente, a Angelo Colocci e aos cancioneiros da lírica galego-portuguesa por ele mandados copiar). Nas conversas com o humanista Pina Martins, Colocci funcionava como *trait d’union* a ligar os nossos interesses e a suscitar da parte do Professor eruditas informações que alargavam ou aprofundavam o meu conhecimento.

Concretizando. Quando, a propósito da *tavola collociana* “*Autori portughesi*”, eu falava, com um misto de entusiasmo e espanto, do método de trabalho do humanista iesino e sublinhava a sua mania de *intavulare*, referindo-me às intermináveis listas de vocábulos e frases tiradas de Petrarca ou de Francesco da Barberini, aos elencos de nomes de livros e autores, aos seus desordenados apontamentos linguísticos misturados com notas *aide-mémoire* em que surgiam os nomes de Pontano ou de Bembo – páginas e páginas manuscritas que penosamente eu tentara decifrar em busca de dados úteis para as pesquisas que estava levando a cabo –, Pina Martins iluminava estas recordações das minhas leituras com o seu saber sobre a cultura italiana do Renascimento.

Por exemplo, os apontamentos linguísticos de Colocci, que para mim só tinham significado na medida em que me ajudavam a interpretar as notas collocianas ao *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, eram afinal o reflexo da animada discussão dos humanistas italianos em torno da questão da “língua comum”: a esse propósito, Pina Martins trazia à colação as *Prose* de Bembo, mostrava-me o exemplar da *editio princeps* que tinha na sua biblioteca e, enquanto defendia a posição linguística do Cardeal veneziano, mais purista que Colocci, realçava a matriz petrarquista das opiniões literárias e da própria poesia de Bembo, sem deixar de lembrar o que as *Rime* de Petrarca deviam aos poetas stilnovistas e mesmo aos Sicilianos, corroborando, deste modo, a importância dos índices e apontamentos que Colocci abreviadamente intitulara “Siculi”, “Guido Guinicelli”, “Petrarca”. Entre Colocci e Bembo, Pina Martins manifestava maior admiração por este último, atraindo a minha atenção para os versos de Sá de Miranda em que o poeta português cita os *Asolani* e, na esteira do autor das *Prose [...] della volgare lingua*, relaciona Petrarca com os Provençais; o meu entusiasmo por Colocci assentava numa característica única da sua actividade de humanista: é que o seu interesse pela poesia das Origens abarcara também os *Autori portughesi*, dos quais parece ter sido estudioso solitário.

Outro exemplo. A investigação que realizei à volta de um tal “da Ribera” citado por Colocci num lacónico *pro-memoria* levou-me

a propor a identificação deste personagem com monsenhor António Ribeiro, camareiro do Papa e fiel servidor do bispo D. Miguel da Silva, que, nesses anos (1515–1525), era embaixador de Portugal junto dos papas Medici. Pina Martins conhecia muito melhor que eu o ambiente da Cúria romana e da Roma erudita de Quinhentos, com as suas reuniões literárias em que brilhavam humanistas italianos e estrangeiros, entre os quais alguns portugueses como D. Miguel da Silva, a quem Castiglione dedicou *Il Cortegiano*. Daí que as conversas com o Professor fossem, para mim, ocasiões de “encontro”, não só com esses literatos e eruditos do passado, mas também com os estudiosos que, na actualidade, deles se haviam ocupado nos seus trabalhos, que, naturalmente, eu acompanhava com interesse e dos quais me falava Pina Martins com apreciações que traziam sempre alguma informação nova.

Destes e de outros temas afins se entreteceram muitas das nossas conversas telefónicas, no tempo em que eu tinha ainda “activos” os rendimentos da pequena fortuna intelectual que acumulara durante os anos vividos em Roma, no convívio com professores da Universidade “La Sapienza”, ou nos contactos esporádicos com estudiosos a quem, por vezes, recorri na Vaticana. Nos últimos anos, Pina Martins telefonava-me a propósito da realização de algum colóquio ou conferência na Academia das Ciências, aproveitando a oportunidade para falar da vida da Academia; motivado pela leitura de algum trabalho cuja autoria eu podia conhecer, lamentava a falta de sobriedade e de rigor, o desconhecimento das fontes que caracterizam muita da crítica *à la mode*; falava-me também das suas últimas “fadigas” – a publicação da *Utopia III* (“em co-autoria” com Miguel Hytlodeu), acerca da qual, sorrindo, me dava pistas para a decifração de alguns nomes fictícios, e o projecto da edição crítica do texto latino, com tradução portuguesa, da *Utopia* de Thomas More, ao qual decidira associar o nome do Professor Aires A. Nascimento, cuja competência científica, amplamente afirmada no mundo dos estudos de textos da latinidade clássica, medieval e humanística, lhe merecia os maiores encómios, pelo rigor da fixação do texto e pelo primor da tradução para a língua de Camões.

A partir de certa altura, passei a encontrar o Professor Pina Martins, não na sua esplendorosa biblioteca, mas no espaço mais íntimo da sua casa, onde a Primula (essa, sim, minha professora no Instituto Italiano de Cultura) maravilhosamente me recebia e me deleitava com as suas conversas, em italiano, recheadas de cultura, sabedoria e bom senso. O mutismo do Professor ia ganhando terreno, mas o seu acolhimento afável, as suas elegantes frases de cortesia, a serenidade com que respondia às perguntas sobre a sua saúde (“Não me lamento!”, “Non c’è male!”), a participação na degustação dos chás preparados pela *raffinata* dona da casa, conseguiam amenizar a dolorosa consciência do seu alheamento. Já acamado, ainda mostrava ouvir as notícias que lhe dava e respondia com monossílabos, quando, ao despedir-me antes de uma viagem aérea, lhe perguntava se me dava a sua bênção (“Si!” – respondeu-me, em italiano, ainda recentemente). Mais perto da sua partida para a casa do Pai, procurei romper o seu silêncio perguntando-lhe se pensava em nós, se pensava no seu amigo Thomas More: o nome do Santo que tanto amava desenhou-lhe um breve sorriso na face emagrecida.

“Só os mortos podem ser evocados” diz Eduardo Lourenço num dos seus belíssimos textos diarísticos, para justificar a invenção da morte do seu heterónimo “Tristão Bernardo”. A minha evocação do Professor Pina Martins talvez pretenda apenas contrariar a interrupção de um diálogo que se prolongou por mais de trinta e cinco anos, até à sua morte. ELSA GONÇALVES

EVOCAÇÃO DE J. V. PINA MARTINS  
(NA MISSA DE 30.º DIA, NA IGREJA DAS MERCÊS,  
A JESUS, A PAR DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA)

Antes de procedermos à “Oração dos Fiéis”, a convite do presidente desta celebração de sufrágio, é-me grato dizer umas palavras muito breves em memória de José V. de Pina Martins, que nós hoje, esquecendo todos os títulos académicos, chamamos “nosso irmão”.

Foi um exemplo de vida e, sobretudo naquilo que diz respeito ao que quis ser, um modelo de professor. Os professores lidam com uma arma que se chama a Palavra: é a palavra o que mais usamos nos vários tempos; sobretudo pertence-nos o exercício do poder da palavra contra a palavra do poder que não respeita os valores que se professam. Ele nisso foi absolutamente exemplar e, curiosamente, dedicou a vida ao que chamou o refúgio da sua biblioteca para o convívio com todos os que, ao longo do tempo, foram enriquecendo a nossa circunstância com o poder da palavra contra a palavra do poder que se desvia dos valores.

É por isso que, independentemente da fé que cada um de nós professe, o homem que tem esta vida está sempre no meio de nós: temos de recorrer sempre a ele. Está nas estantes onde estão os livros que escreveu; está nas estantes onde estão os livros que recolheu; está na memória dos discípulos; está na aprendizagem que proporcionou aos colegas; está no enriquecimento das instituições que serviu.

Naturalmente, dessas instituições destaca-se a Academia das Ciências. Ora, o milagre das instituições é que o tempo passa, os homens morrem e as ideias passam de mão em mão, persistem para além dos tempos. É isso que lhes dá unidade. As Universidades e

as Academias são o exemplo das instituições. Também sabemos que as instituições, hoje em dia, sofrem grandes crises, e a firmeza da fidelidade à instituição é fundamental, para ultrapassarem essa circunstância, para que passem de geração em geração.

Ele deu esse exemplo. E, se nós hoje temos aqui uma representação tão rica da Academia das Ciências, é porque sabemos dessa responsabilidade. É que sabemos que a palavra dele ficou; e também ficou a obrigação, que é dever, de continuar o exemplo dele.

Considero que a nossa vinda aqui hoje, além dos preceitos da fé, além da confissão da fé, é também de agradecimento pelo legado que nos deixou e que é parte do dever que nós cumprimos, sabendo que continuará conosco.

Por isso continuará com a sua família e continuará com aqueles que, de geração em geração, o vão encontrar na palavra que ficou escrita – a traçar o caminho, a definir os valores, a ajudar nas nossas dúvidas e também a fortalecer as nossas esperanças. ADRIANO MOREIRA



## RECORDANDO J. V. PINA MARTINS

A convite do tradutor da *Utopia*, devo dizer algumas palavras a propósito da morte de José Vitorino de Pina Martins<sup>1</sup>. Nenhuma autoridade me confere o direito de estar aqui, apenas a da amizade, da admiração e de algum modo de uma certa companhia intelectual que partilhei com ele durante todos estes anos de vida longa para ele, para mim, mas sempre curta para todos nós. Numa das passagens mais idílicas, bucólicas, do Evangelho se diz: “passemos para a outra margem”. O nosso amigo Pina Martins já está nessa outra margem; e nós, numa margem dessa margem, falando dele como se deve falar sempre dum ser humano, e sobretudo daqueles que admiramos e de que fomos amigos.

Fui companheiro de geração de Pina Martins, e tenho o sentimento de que estou aqui mais falando em nome duma geração no seu crepúsculo, muita dela já partida, do que em próprio nome pessoal. Conheci-o em Coimbra, ainda mal. Conheci-o primeiro como poeta, Duarte de Montalegre, em primícias poéticas que ele não gostava muito de evocar, mas que não o envergonham, nem naquele momento nem, e muito menos, hoje. Depois, segui-o nas suas peripécias de Leitor, um desses que vão lá para fora pregar a palavra da cultura portuguesa, sendo ouvidos ou não ouvidos, os melhores são sempre escutados – as coisas nunca caem, realmente, no silêncio.

<sup>1</sup> Este texto é transcrição, realizada por Eva Maria de Pina Martins, filha do extinto, e Aires A. Nascimento, sobre gravação sonora da intervenção feita, a pedido do presidente da celebração (P.e Aires A. Nascimento), por Eduardo Lourenço, no final das exéquias litúrgicas de José Vitorino de Pina Martins que tiveram lugar na Basílica da Estrela.

Penso que uma das coisas mais extraordinárias que aconteceram a José Vitorino de Pina Martins foi a sua ida para a Itália. Tive quase a impressão de que a Itália o tinha revelado a si mesmo e sobretudo de que o tinha entusiasmado para ser um admirador, quase um companheiro fora do tempo, daquele tempo sem tempo que nós chamamos o Renascimento, de que ele foi entre nós não só um erudito notável e de que deixou testemunho, a que dedicou o seu labor intelectual, sobretudo aos grandes nomes de Erasmo e de Pico della Mirandola. Foi aí que encontrou também a mulher da sua vida, aqui presente. E essa Itália, pelo menos aquela Itália daquele tempo, foi para ele também como se descobrisse uma outra dimensão à cultura europeia, uma dimensão de tolerância e de liberdade, que não era muito a da atmosfera pátria daquela época. E aí se apaixonou por aqueles Mestres efectivamente não só da luz do Renascimento mas duma tolerância, duma liberdade de espírito.

Quando se frequenta Erasmo, não se pode ficar imune a essa missão de livre pensamento, de liberdade, de ironia (e não por conta de cepticismo), sem consequências e sem efeitos demolidores, mas em função de qualquer coisa que era de facto o ideal verdadeiramente de Erasmo, essa famosa filosofia cristã, não tanto por ser filosófica, mas porque o Cristianismo pensava nessa altura ainda poder pôr a filosofia ao seu próprio serviço.

Jovem, Pina Martins leu com paixão o autor dos *Pensées*. Aquele homem que parecia unicamente interessado pela Musa propriamente erudita mais do que pela Musa de filosofia, da angústia, etc., dedicou ao pensador cristão mais representativo da modernidade, que nós chamamos Pascal, uma das suas primeiras obras. E penso que isso o marcou para sempre. Sobretudo aquele aspecto de “condottiere” quase que faz lembrar a figura francesa que se chamou André Suarès<sup>1</sup>, uma espécie de paladino do Renascimento.

<sup>1</sup> André Suarès (pseudónimo de Félix-André-Yves Scantrel, 1868-1948), poeta e crítico francês, foi um dos quatro pilares da *Nouvelle Revue Française*, ao lado de André Gide, Paul Claudel e Paul Valéry. Entre as suas obras conta-se *Voyage du condottiere: Vers Venise, Florence, Sienne la bien-aimée*, 1910, em que recolhe as suas impressões de uma viagem por Itália em 1893 (nota de A.N.).

Havia em Pina Martins um ar quase quixotesco, o que ele era na vida, tolerante, mas igualmente capaz de defender realmente as suas ideias, sem ter o mínimo respeito humano, no sentido habitual do termo, de se calar diante daquilo que não lhe parecia nem justo nem verdadeiro.

Além de tudo o que todos nós sabemos, e daquilo que os jornais têm sublinhado, chamando-lhe “humanista”, ele acompanhou toda a sua vida numa preocupação bibliófila dedicada sobretudo à época do renascimento. E daí nasceu uma biblioteca única no contexto cultural português, uma maravilhosa biblioteca, que merecia ela só, se não andássemos distraídos, que ela fosse o centro, o coração de qualquer instituto do Renascimento entre nós, porque é realmente uma obra absolutamente admirável. Espero que os poderes públicos saibam que existe em Portugal qualquer coisa que não tem comparação em parte nenhuma, a não ser nas grandes bibliotecas do mundo. E isso é obra de Pina Martins. E aquilo que ele lega como valor não é o de troca.

Mas, o mais importante é a sua própria obra de *cultor*, de pensador desse momento extraordinário que continua ainda na memória da cultura europeia, e sobretudo hoje quando tantas nuvens se acumulam sobre ela, esse lugar solar – qualquer coisa de que se pensava que a humanidade ia entrar numa nova era, numa era que o século XVIII pensou chamar época das Luzes, mas que continua sempre aquela mistura de luz e treva que provavelmente caracteriza a história da humanidade e caracterizará sempre.

Santo Agostinho escreveu a certa altura que todos morremos humilhados pela vida, como se precisássemos numa espécie de lição para que unicamente o essencial se preservasse e ficasse incorruptível. Pina Martins não foi poupado às agruras normais da vida, mas hoje o que conta é essa espécie de aura, de aura *simbólica*, mas ao mesmo tempo real, do amor que ele consagrou àquilo que muitos pensam que é um universo muito particular e restrito, quase uma espécie de mania, o gosto da erudição. Mas a erudição é a glória da inteligência e da cultura, em todo o caso, da cultura que nós consideramos como amor daquilo que há de mais importante na nossa tradição.

A erudição tal como a cultivou e soube cultivar é uma espécie de ficção de outra ordem admirável. Nessa outra margem onde agora está, vai ter o tempo todo por conta dele para reler aqueles textos de leitura infinita que já foram, nesta vida, a sua paixão e amor.

EDUARDO LOURENÇO

